

(IN)VISI-POSSIBILIDADE NO PENSAMENTO PEDAGÓGICO ROZA MARIA DE SOUZA SANTANA¹: CONTRIBUIÇÕES DE UMA VIDA PARA A EDUCAÇÃO TOURENSE

Francisco de Miranda França Júnior²
Andreia Morés - Orientadora do Trabalho³

RESUMO

Este trabalho vem apresentar uma narrativa da (in)visi-possibilidade da mulher tourense, como parte da teoria do pensamento pedagógico, ao qual retrata a figura de uma mulher feminina, guerreira, que buscou seu ideal na educação. Partindo do pensamento de teóricos como Freire (1996), Cunha; Machado: Júnior (2018), Moraes (2010). Através da descrição da narrativa, foi utilizada a Entrevista Semiestruturada, no âmbito da investigação qualitativa ao qual possibilitou retratar as vivências desse expoente da educação do município de Touros/RN. Resultados e Discussão: Caracteriza-se por abordar questões relacionadas às singularidades do campo e do indivíduo pesquisado, retratando sua formação, experiências da práxis, perspectivas aos presentes e futuros professores, ao qual permitiu o aprofundamento das investigações, a combinação de histórias de vida com contextos sócio-históricos. Conclusão: As narrativas resultaram os desejos e potencialidades almejadas pela respondente, destacando a necessidade do reconhecimento no espaço do trabalho.

Palavras-chave: Invisibilidade, Educação, Conhecimento, Escola.

INTRODUÇÃO

Retratar a figura feminina no contexto educacional, frente ao processo dinâmico que transcende o ato de educar, é uma experiência significativa, onde trazer os sujeitos como parte fundante do pensar pedagógico, é possibilitar as oportunidades das comunidades escolares, com olhares e fazeres constitutivos da educação do micro para o macro.

Nesta dimensão, enxergar as experiências de vida desses profissionais, nos traz o fazer cotidiano diante de tudo que os possibilitavam frente as demandas educacionais no seu tempo de prática-ação, e nos faz refletir sua importância diante do cenário educativo, iniciando por sua infância, sua formação educacional e social, e sua trajetória profissional, reportando todas as suas contribuições. Expõe *“Acredito que, o que tenho a dizer, vale a pena ser contado, e por isso mesmo, imprimo em cada frase escrita, o prazer de descrever as minhas experiências*

¹ Roza Maria de Souza Santana, Professora e Orientadora Educacional, é natural de Touros, cidade litorânea do Estado do Rio Grande do Norte, nasceu no dia 7 de outubro de 1957.

² Mestrando em Educação pela Universidade de Caxias do Sul - UCS, juniormirandafmfj@gmail.com;

³ Professora orientadora: Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e Professora do Programa de Pós Graduação em Educação – Mestrado em Educação - UCS, anmores@ucs.br.



peessoais e educativas, pois o relato não é uma simples revisão do passado, é também um esforço de renovação enquanto profissional.

Ao mergulhar numa obra importante, espera-se que dela se possa sair com uma amplitude maior de saberes, com a compreensão refinada da temática desenvolvida e com a proposição de novos conhecimentos, seja para a dinâmica existencial, para a ocupação profissional ou para a convivência social (CUNHA; MACHADO; JÚNIOR, 2018, p.15).

As primeiras impressões identificadas nos proporciona um caminhar saudoso a sua infância, retratada em sua comunidade, como expõe: *“Tenho saudades da minha meninice, do catecismo aos domingos na Igreja Matriz, mais do que mais tenho saudade é da minha escola querida, de um tempo que não volta mais, neste momento em que começo a escrever as minhas memórias”*. A memória como narrativa é expressão viva da história de uma pessoa, e de um povo.

Preciso ser um outro para ser eu mesmo, sou grão de rocha, sou o vento que a desgasta, sou pólen sem insecto, sou areia sustentando o sexo das árvores, existo onde me desconheço aguardando pelo meu passado, ansiando a esperança do futuro, no mundo que combato morro, no mundo por que luto nasço (COUTO, 1955, p.55).

Impressões em voga são associadas as múltiplas realidades nos contextos escolares em nosso país, onde a personagem central deste trabalho retrata o quão significativo é, neste sentido deixar experimentar essa vivência é prosseguir o caminho formativo chamado educação: *“Saudade dessa escola bate mais forte, e me faz lembrar fatos que eu mesma pensava já ter esquecido...pois se trata da minha autobiografia contextualizada, de forma histórica, social, política e cultural que permite refletir sobre o papel da educação na sociedade, nos seus diversos momentos”*.

METODOLOGIA

Utilizou a narrativa através de Entrevista Semiestruturada, no âmbito da investigação qualitativa ao qual possibilitou retratar as vivências desse expoente da educação do município de Touros/RN. Produzida a partir do contexto social, de formação, funcional e educacional da respondente, através de gravação via *Google Meet*, e gravado em dispositivo Drive do pesquisador, realizada no dia 02 de fevereiro de 2022, as 20h, estabelecido horário através de contato telefônico previamente. A entrevista foi autorizada pela respondente, ao qual assinou



um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Logo foi realizada a descrição na íntegra da entrevista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentar questões relacionadas às singularidades do campo e do indivíduo pesquisado, retratando sua formação, experiências da práxis, perspectivas aos presentes e futuros professores, ao qual permitiu o aprofundamento das investigações, a combinação de histórias de vida com contextos sócio-históricos.

Esses fazeres e práticas sociais, possibilita nos reportar as fontes valiosas que podemos veredar para nossa prática, construída em cada espaço e tempo, perfazendo os ritmos de saberes. Assim, como bem apresenta nossa expoente *“o que tenho a dizer, vale a pena ser contado, e por isso mesmo, imprimo em cada frase escrita, o prazer de descrever as minhas experiências pessoais e educativas, pois o relato não é uma simples revisão do passado, é também um esforço de renovação enquanto profissional”*.

A prática profissional, como mulheres, intelectuais e militantes da Educação, é permeada por processos de formação política. Entender esse processo na dimensão ético-política colabora no entendimento da Educação como concepção que disputa um projeto de sociedade (MACHADO; PAULO, 2020, p.183).

A escola como espaço de interação, de intercomunicação, de subjetividades, e ainda como local institucionalizado, que produz saberes e conhecimentos, nos possibilita pensar, com olhares de curiosos, de saudosismo, de oportunidades, assim é a história de ROZA MARIA: *“A minha história confrontada, com as de outras pessoas que viveu no tempo e espaço que eu, pode ter alguma semelhança, mas com certeza diferencia-se nas particularidades, e por mim vividas. A escola a qual ingressei, recebe o nome de Grupo Escolar Coronel Antônio do Lago, hoje Escola Estadual Antônio Lago. No dia da minha matrícula, minha mãe me levou à mercearia e compra, um caderno, uma tabuada, um lápis e uma pasta para colocar o material comprado. As séries iniciais, foi na referida escola”*.

É destaque em sua fala, a simplicidade do seu ambiente socioeducativo, ao qual retrata seus início as primeiras letras, e também aos primeiros objetos (recursos), dos quais lhes trará conhecimento.

As oportunidades na infância em seu tempo, lhes proporcionou muito mais que aprendizagens, mais também felicidade em sua simplicidade familiar: *“Meus pais tinham*



apenas a antiga 3ª série primária. Minha mãe era muito religiosa, e toda sua formação vinha da religião, passando para os filhos, os valores aprendidos na igreja. Valores como respeito ao próximo, bondade, amor a Deus, fé e esperança. É apontado neste cenário, os valores atribuídos de seus pais para sua vivência, aqui apresentados a relação religiosa, frente ao social. Como bem apresenta (MARTINS; MOURA; BERNARDO (In) Piaget, 2018, p.417) “A construção do conhecimento acontece através do tempo, o indivíduo recebe a informação e constrói o saber, salientando que há o aprendizado, mas os indivíduos aprendem de formas diferentes”.

A verbalização do seu espaço escolar transcende o conhecimento, as falas possibilitam entrarmos num túnel do tempo, e nos apropriar do mundo educativo, onde no cenário brasileiro desenvolvia grande repercussões, onde a entrevistada nos proporcionou as práticas de ensino deste período: *“O método de ensino é através de exposição verbal, e os exercícios são mecanismos, e a autoridade do professor é indispensável. A escola era fechada aos problemas sociais. As aulas eram monótonas e frequentemente fazíamos cópias e ditados de palavras. Decorávamos a tabuada na sequência em que ela se apresentava, ou seja, na medida em que íamos decorando passava-se para a sequência, que seguia. Primeiro edição, depois a subtração. Após termos decorado as sequências, é que vinham as continhas. Eram comemorados os aniversários dos professores, dos colegas, havia apresentação de peças teatrais, para homenagear os aniversariantes. Os professores eram leigos, mais participavam do que na época era chamado, de treinamento. A equipe pedagógica era respeitada pelos alunos e pais”.*

E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria. O desrespeito à educação, aos educandos, aos educadores e às educadoras corrói ou deteriora em nós, de um lado, a sensibilidade ou a abertura ao bem querer da própria prática educativa de outro, a alegria necessária ao que fazer docente (FREIRE, 1996. p. 53).

Nesse cenário é importante apontar o espaço escolar como fonte de conhecimento, local de aprendizagens e de trocas sociais, onde os sujeitos interagem instantaneamente, colaborando uns com os outros de forma significativa. Assim: *“A escola me oferecia outros motivos de prazer, brincávamos muito, a brincadeira mais frequente, era de roda, seguida pelo jogo de pular cordas e amarelinha. A escola me oferecia outros motivos de prazer, brincávamos muito, a brincadeira mais frequente, era de roda, seguida pelo jogo de pular cordas e amarelinha. Além disso, cantávamos muito, inclusive hinos como o nacional, da bandeira e o da Independência. Isso se dava com o objetivo de fazer crescer no aluno o sentimento do civismo,*



e amor à Pátria. A ordem e o respeito, eram fundamentais no recinto escolar, talvez por isso, saíamos e entrávamos na sala de aula, sempre em fila”. As possibilidades para o conhecimentos eram dadas num período militarizado, onde as formas de saber também se faziam pelo civismo, patriotismo, entre outros movimentos: “Além disso, cantávamos muito, inclusive hinos como o nacional, da bandeira e o da Independência. Isso se dava com o objetivo de fazer crescer no aluno o sentimento do civismo, e amor à Pátria. A ordem e o respeito, eram fundamentais no recinto escolar, talvez por isso, saíamos e entrávamos na sala de aula, sempre em fila”.

O poder, longe de impedir o saber, o produz. Se foi possível constituir um saber sobre o corpo, foi através de um conjunto de disciplinas militares e escolares. E a partir de um poder sobre o corpo que foi possível um saber fisiológico, orgânico (FOUCAULT, In: CORTELINI 2021, p. 239).

Esse movimento formativo contribui para a personificação do saber de cada indivíduo, permeando cenários para além do espaço escolar, possibilitando contribuições na sociedade, de forma inter-relacionada com as formações familiares, e ou de grupos. Esses sentidos e significados são apresentados nos percursos das histórias das pessoas, destacado pela entrevistada: *“As séries finais foram iniciadas na Escola Municipal Junqueira Ayres (Antigo Ginásio Comercial), o antigo 7ª e 8ª séries, na Escola Municipal Rodrigo Otávio Filho, na Cidade do Rio de Janeiro, onde fiz também o antigo 2º grau. Meu 3º grau, me formei em Pedagogia com habilitação em Orientação Educacional pela UFRN. Sou Orientadora no Estado e no Município de Touros, estive na direção da Escola Estadual Tabelaão Júlio Maria de 1991 a 1995”.* A repercussão funcional destaca-se em todos movimentos da vida das pessoas, pois lhes proporcionam anseios positivos, pois cada passo concretizado, torna-se um patamar alcançado.

A minha visão do crescimento, do processo inteiro, é global, e não individual... todo processo de conhecimento a nível individual deveria estar com as vistas voltadas para a transformação permanente da prática social de que a individual é parte (FREIRE, Paulo e GUIMARÃES, Sérgio. P.134).

Ao compor o cenário profissional, os sujeitos são postos em ações de movimentos sociais que contribuem ou não, aos anseios das instituições e/ou empresas, onde são oportunizados desejos e atitudes que devam ser gerenciadas para bons resultados, neste sentido é exposto que: *“A formação profissional deve oferecer uma base de conhecimentos, que ajudam ao educador perceber as diversidades presentes no cotidiano, para que o mesmo seja capaz de tomar decisões, definindo ações, e assumindo postura ética, respeitando os conhecimentos prévios, a linguagem, a origem social, a cultura dos alunos para construir uma proposta*



pedagógica coerente a tais pressupostos. Para ser um bom profissional, é necessário ter conhecimento sobre vários conteúdos, que mobilizam o aluno a aprender. A ausência sobre esses conhecimentos, poderá trazer problemas para o educador e para discente, primeiro por não criar condições favoráveis para aprendizagem, enquanto ao segundo, por não ser desafiado adequadamente, limitando-se a saberes que pouco contribuem para seu desenvolvimento intelectual e social”.

Pensar certo sabe, por exemplo, que não é a partir dele como um dado, que se conforma a prática docente crítica, mas sabe também que sem ele não se funda aquela. A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer (FREIRE, 2011, p.18).

Os saberes são condicionados as aprendizagens, as quais estão presentes no cotidiano formativo, em cada espaço e tempo se confluem, de forma que ampliam os olhares dos profissionais, diante das necessidades formativas, a mesma é apresentada, de forma cronológica: *“Antigamente, os docentes eram leigos, e hoje todos tem nível superior, especialização, mestrado, enfim, todos tem base teórica, entretanto, ainda enfrentam dificuldades. O processo ensino-aprendizagem não depende apenas do docente, ou apenas o discente, envolve outros fatores que contribuem para o sucesso desse processo”.* É apresentado pela respondente, o distanciamento entre teoria e prática, nesta relação de conhecimento.

É pela linguagem que nossas vivências e experiências se convertem em conhecimento. É por ela que construímos nossos mundos, ampliando significados que conseguimos dar às palavras e aos conceitos, ao mesmo tempo que introduzimos novas palavras e conceitos novos a partir da vivência de diferentes fenômenos e experiências (Moraes, 2010, p. 137).

Essas oportunidades são traduzidas de formas conjugadas, das quais dão resultados, que são replicados nos sujeitos, possibilitando ampliar seus currículos, seus pensamentos, suas pesquisas, suas visões de mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao falarmos da invisibilidade no cenário educativo, é pensar sujeitos que contribuem de forma plena do exercício de suas funções, e que são esquecidos, excluídos ou mesmo isolados dos espaços de trabalho, de forma negativa resulta em diversos fatores para a pessoa, destacando as formas psicológicas, físicas entre tantos outros que fatores contribuem para um mal-estar.



O que almejamos é a produção de modos outros de pensar e organizar a instituição escolar é romper com a música clássica estruturada para experienciarmos o jazz, a mistura de tradições, de valores, a diferença, o improviso (Gallo; Monteiro, 2020, p.187).

Desta feita os propósitos, os valores, as contribuições devem a todo instante estarem dialogando entre os sujeitos, de forma que se amplie as oportunidades do conhecimento dentro dos espaços escolares, agregando conhecimento, experiência, e tantos fatores constitutivo no cenário do saber.

Concluímos, apontando que, para proporcionar frutos, é esperando que saibamos acolher, abraçar, solidarizar, reconhecer, permitir, valorizar, pois só assim estaremos proporcionando a VISIBILIDADE tão necessária ao ambiente das aprendizagens, aqui solicitado por nossa entrevistada: *“Gostaria de ser reconhecida como alguém que tem consciência do que poderia ter feito, MAIS e MELHOR”*.

REFERÊNCIAS

- CORTELINI, Valdete Gusberti. **A educação permanente e continuada com professores no movimento das relações de poder**: entre o controle biopolítico e a autonomia. Tese (Doutorado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-graduação em Educação, 2021.
- COUTO, Mia. **"Raiz de Orvalho e Outros Poemas"**. Outras Margens. Nº 5, Julho. Moçambique 1955.
- CUNHA, Célio da; MACHADO, Magali de Fátima Evangelista; JÚNIOR, Idalberto José das Neves. (Orgs.). **Pensamento pedagógico: textos e contextos I**. Brasília: Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade; Universidade Católica de Brasília, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo. GUIMARÃES, Sérgio. **Partir da Infância: diálogos sobre educação**. Paz e Terra. São Paulo. 2020, p. 134.
- GALLO, S.; MONTEIRO, A. **Educação menor como dispositivo potencializador de uma escola outra**. *Rematec*, v. 15, n. 33, p. 185-200, maio 2020.
- MACHADO, Rita de Cássia Fraga; PAULO, Fernanda Santos. **Pioneiras da Educação no Brasil: Mulheres, professoras e intelectuais**. *Princípios: Revista de Filosofia*, Natal, v. 27, n. 52, jan./abr. 2020.



MARTINS, Evaneide Dourado; MOURA, Anáisa Alves de.; BERNARDO, Anacléa de Araújo. (In:) Piaget RPGE– Revista *On Line de Política e Gestão Educacional*. Araraquara, v.22, n.1, p. 410-423, jan./abr. 2018.